

A PRÁXIS DOCENTE: CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO VI EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

Lívia Tertuliano Brito¹; Lucicléa Teixeira Lins²

¹ Graduanda em Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Campus III no Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias (CCHSA). Email: liviatertuliano4@gmail.com

² Professora do Departamento de Educação, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Campus III no Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias (CCHSA). Email: luciclealins@gmail.com

Resumo: O presente artigo discute as contribuições do Estágio Supervisionado VI em Educação do Campo para a construção da identidade docente e a superação de modelos de ensino urbanocêntricos. A pesquisa teve como objetivo analisar como as intervenções pedagógicas em uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA) podem promover uma educação emancipadora, articulando conteúdos curriculares à realidade camponesa. Fundamentado teoricamente em autores como Freire (1996), Arroyo (2007), Caldart (2004) e Pimenta e Lima (2012), o trabalho destaca a EJA como ferramenta de resistência e afirmação de direitos. Metodologicamente, adotou-se uma abordagem qualitativa do tipo estudo de caso Gil (2008), utilizando o diário de bordo, Zabalza (2004), como principal instrumento de registro e reflexão da práxis. As atividades desenvolvidas, foram contextualizadas, de modo que dialogassem com a realidade dos educandos. Os resultados demonstram que o estágio transcende o cumprimento de carga horária burocrática, consolidando-se como um espaço de investigação e diálogo entre teoria e prática. Concluiu-se que uma pedagogia contextualizada e territorializada é capaz de romper com a invisibilidade dos sujeitos do campo, sobretudo, na EJA, promovendo uma formação docente ética, política e comprometida com a transformação social e o fortalecimento da identidade campesina.

Palavras-chave: Estágio; Práxis Docente; contextualização de conteúdos; Educação do campo; Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Introdução

A motivação dessa pesquisa se dá sob a compreensão de que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no contexto do campo não se resume apenas à alfabetização ou à reposição de escolaridade para aqueles que por alguma razão não concluíram a escolaridade no período regular de ensino. A EJA se configura como uma ferramenta de resistência e afirmação de identidade dos sujeitos, sobretudo àqueles que vivem e trabalham na terra. Historicamente, essa modalidade de educação carrega consigo desafios de superar modelos de ensino urbanocêntricos. Sobre esse modelo, SILVA (2018, p. 25) esclarece que o termo urbanocêntrico se refere a uma visão na qual a concepção de educação e modelo didático-pedagógico utilizado na cidade é transferido para as escolas rurais. Ou seja, é modelo de reprodução que desconsidera a realidade campesina, suas temporalidades e seus saberes ancestrais. Com isso, se faz necessário uma imersão pedagógica que valorize suas especificidades.

Nesse cenário, o Estágio Supervisionado VI em Educação do Campo apresenta-se como um espaço privilegiado de práxis pedagógica dos educandos em formação. Não se limitando a ser compreendido como um mero cumprimento de carga horária, mas sim como o momento em que o acadêmico confronta suas concepções teóricas, como afirmam Pimenta e Lima (2004, p. 45), "o estágio não é atividade pragmática, mas atividade teórica que permite o diálogo com a prática e a reflexão sobre ela". Pois, é diante do "chão da escola" e nas experiências do cotidiano dela que se percebe a necessidade de uma pedagogia que reconheça o estudante da EJA como um sujeito de direitos. Como afirma Arroyo (2005, p. 18), esses sujeitos

são “portadores de identidades, de culturas, de memórias e de trajetórias de vida” cuja trajetória de vida é marcada pela marginalização do sistema de ensino.

Deste modo, este artigo busca refletir sobre as contribuições do Estágio Supervisionado VI para a construção da identidade docente. Apontado como problema de pesquisa o impacto da experiência em uma turma da EJA e como a mesma permite ao futuro educador desenvolver estratégias que articulem os conteúdos curriculares ao cotidiano dos educandos, respeitando a cultura camponesa promovendo uma educação emancipadora.

Temos como objetivo geral analisar como as intervenções realizadas no estágio contribuíram para a formação dos sujeitos da EJA na busca da superação da reprodução urbanocêntrica de ensino. E como específicos: conhecer os saberes prévios dos estudantes da EJA Campo, Elaborar e aplicar planos de aula contextualizados com a realidade dos sujeitos da pesquisa e refletir sobre os impactos dessa vivência de estágio na construção da identidade docente.

Para tanto, adotamos uma metodologia qualitativa de caráter descritivo, segundo Minayo(2014, p. 21). Realizando um estudo de caso, conforme Gil (2008), e, utilizando do diário de bordo como principal procedimento metodológico, Zabalza (2004).

2. Contexto histórico da educação de Jovens e Adultos no Brasil

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) carrega o peso de uma dívida histórica e estrutural, assolada pela negligência e exclusão social. Como aponta Arroyo (2007), os sujeitos da EJA são aqueles que foram excluídos do processo educativo formal em sua idade "própria", não por uma escolha individual, mas por uma organização social que historicamente priorizou a exploração da força de trabalho em detrimento do direito ao estudo. Essa perspectiva revela a fragilidade presente no contexto camponês, que resulta em altos índices de analfabetismo e reforça o estereótipo de que o campo é um lugar de atraso. No entanto, segundo Caldart (2004, p. 18), "a Educação do Campo nasce justamente da luta contra essa invisibilidade, afirmando que o campo não é apenas um lugar de atraso ou produção agrícola, mas um espaço de vida, cultura e resistência". Assim, a EJA no campo deixa de ser apenas uma correção de escolaridade para se tornar um projeto político de afirmação dos povos da terra.

As primeiras iniciativas voltadas à educação de Jovens e Adultos ocorreram na década de 1940, quando foram organizadas as primeiras campanhas de Alfabetização de Adolescentes e Adultos (CEAA). Conforme Paiva (2003), essas campanhas possuíam um viés meramente funcionalista, servindo como uma estratégia de "ajustamento" do indivíduo à nova ordem social e econômica do país. Para a autora, o Estado via no analfabetismo um entrave ao progresso; logo, a educação não era um direito de cidadania, mas um recurso para transformar o trabalhador rural em mão de obra qualificada e dócil para o capital. Onde se prioriza uma abordagem mecânica, ao invés de uma formação crítica emancipatória.

Contrapondo o modelo funcionalista, na década de 1960 a Educação Popular ganha força defendendo uma educação que rompe com a mera transmissão de conteúdos e torna a educação como um processo de libertação. Como propõe Freire (1967), a alfabetização deve ser um ato de criação e de conscientização política, no qual a “leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Essa abordagem permitiu que o camponês se reconhecesse como sujeito da história, percebendo-se como sujeito capaz de ler e tecer críticas sobre a realidade vivida. A experiência de Angicos (RN), em 1963, conhecida como “as 40 horas de angicos” foi o grande marco para consolidação do método Paulo Freire como ferramenta alfabetizadora emancipatória de direitos

Contudo, os avanços foram interrompidos no período de Regime Militar no País. E com ele a criação do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) que por sua vez, representou o retorno à lógica funcionalista denunciada por Vanilda Paiva (2003). Com uma abordagem unicamente tecnicista e de massa, focando na alfabetização funcional e acelerada dos adultos, desvinculando-se de qualquer análise crítica da realidade social. No campo, isso significou a volta de um ensino que ignorava as especificidades dos mesmo, retomando o cenário reprodutivista de educação que não considera o contexto em que os sujeitos estão postos.

Somente com o processo de redemocratização e a Constituição de 1988 é que a EJA volta a ser discutida como um direito, em com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 9.394/96, a Educação de Jovens e Adultos foi consolidada como uma modalidade de ensino. Reconhecendo as especificidades e as condições do seu público. Os movimentos sociais exerceram um papel importante para que a EJA passasse a ser vista como uma reparação histórica, e que se fazia necessário pensar uma educação voltada para adultos, inclusive para aqueles que habitam no campo. Evidenciando a necessidade de distanciar-se da visão técnica de educação e evidenciar seu papel transformador da realidade social, o qual, o ato de aprender a ler e escrever é um processo de conscientização política. Portanto, a EJA Campo deve ser compreendida como um campo de direitos, onde a alfabetização e a escolarização precisam estar intrinsecamente ligadas à valorização da identidade camponesa e ao fortalecimento dos vínculos com o território. Impondo-se ao modelos educativos urbanocêntricos, que ignoram a cultura e os tempos da vida no campo.

Para tanto, é necessário a construção de uma educação verdadeiramente emancipadora, o que por sua vez, está atrelado a necessidade da formação continuada de professores, para que estejam preparados para atuar como pesquisadores de sua própria prática docente. Ao compreender a complexidade desses sujeitos marcados pela marginalização, o educador deixa de ser um mero transmissor de conteúdos para se tornar um mediador no processo de reparação histórica. Bem como é imprescindível reafirmar as políticas públicas de educação para jovens e adultos. Pois apesar dos avanços históricos no âmbito da educação, ainda ecoam marcas reprodutivas do passado, no currículos atuais; E a prática de reproduzir conteúdos da cidade, no campo, ainda assola as salas de aula em turmas da EJA.

2.2. O Estágio Supervisionado como Espaço de Práxis

O Estágio Supervisionado é uma etapa obrigatória na formação docente, pois por meio dele, o licenciando é capaz de conhecer e experienciar realidade fora dos muros da universidade. Assim como, o estágio acaba sendo uma oportunidade de construir uma identidade docente. Nos estágios ofertados ao longo do curso, é comum se deparar com desafios, mas com ele é possível pensar as potencialidades. Segundo Pimenta (2012), o estágio deve ser um campo de pesquisa, onde o acadêmico analisa a realidade para nela intervir de forma crítica. Sendo assim, o estágio não pode ser compreendido como mero cumprimento da carga horária, mas sim como um espaço da práxis docente.



No contexto da Educação do Campo, o Estágio Supervisionado VI, assume ainda maior relevância, pois exige que o planejamento pedagógico dialogue com as especificidades socioculturais, econômicas e históricas dos sujeitos do campo. As Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo defendem que o currículo deve considerar os modos de vida, os tempos e os saberes das comunidades camponesas, rompendo com a lógica urbanocêntrica que historicamente marginalizou esses sujeitos. Nessa direção, Caldart (2004) argumenta que a Educação do Campo precisa ser construída com os sujeitos do território e não para eles, valorizando sua identidade, cultura e formas de organização social. Assim, o planejamento flexível e contextualizado possibilita que os educandos se reconheçam no processo educativo, fortalecendo o sentimento de pertencimento e contribuindo para a superação da reprodução de modelos urbanos hegemônicos. Dessa forma, o estágio em Educação do Campo consolida-se como espaço de formação crítica, comprometida com uma pedagogia emancipatória e territorializada.

De forma semelhante a educação do campo, atuar na turma de Jovens e Adultos, necessita desse olhar sensível e compreensão das especificidades dos sujeitos que tiveram sua trajetória escolar interrompida. E isso simboliza atuar com flexibilidade, e, sobretudo respeito aos diferentes ritmos de aprendizagem, de tal modo, que direciona as práticas pedagógicas para o diálogo com a realidade dos educandos. Essa contextualização do conteúdo é imprescindível, pois ela coloca alunos e alunas no centro do processo de aprendizagem, bem como, garante que não haverá infantilização do conteúdo, tão pouco reprodução de um modelo distante da realidade dos mesmos. Desta forma, o estágio supervisionado ocupa um espaço que permite o licenciando assumir uma postura pedagógica, a qual reconhece a educação como um espaço de transformação social

3. Referencial Teórico e Metodologia

O aporte teórico da presente pesquisa trata da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na perspectiva da educação do campo no Brasil. Buscando delimitar a trajetória histórica da mesma, sobretudo, no campo. Ancorando-se em Arroyo (2007), para discutir a dívida social e a identidade dos sujeitos do campo; em Paulo Freire, ao propor uma prática dialógica baseada na "leitura de mundo"; em Caldart 2004, para fortalecer a importância da educação do campo e em Pimenta (2012), que define o estágio como espaço de práxis e pesquisa para a superação da reprodução urbanocêntrica de ensino, criticado fortemente Molina e Vanilda Paiva (2003).

Em relação ao percurso metodológico escolhido para esta pesquisa, é a mesma de natureza qualitativa com abordagem descritiva, pois sistematiza as práticas pedagógicas do campo de estágio Supervisionado VI, o qual, compreender como as intervenções realizadas durante o estágio contribuíram para a formação dos sujeitos da EJA na busca da superação da reprodução urbanocêntrica de ensino Segundo Minayo (2014, p. 21), a pesquisa qualitativa “não se restringe a descrever a realidade, mas, busca compreender a complexidade dos fenômenos sociais e as múltiplas interpretações que deles podem ser feitas”, o que justifica a sua escolha, visto que, permite a compreensão de um contexto específico.



Trata-se também de um Estudo de Caso, conforme Gil (2008, p. 57) para quem “o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira que permita seu conhecimento amplo e detalhado.”, Essa abordagem possibilita buscar o entendimento sobre o contexto de uma turma de EJA numa escola do Campo do município de Bananeira-pb.

Como principal procedimento metodológico utilizou-se do diário de bordo, exercendo uma função de registro e reflexão contínua a respeito das práticas realizadas. Para Zabalza (2004), o diário é “um instrumento privilegiado para o registro e a reflexão sistemática da prática pedagógica, permitindo ao professor analisar o processo educativo em sua complexidade”. Sendo assim, o diário de bordo não se limita meramente às anotações descritas, mas sim, constitui-se de um campo de construção e ressignificação da atuação pedagógica.

As anotações do diário de bordo estruturam-se cronologicamente, permitindo acompanhar o desenvolvimento das ações e reflexões pedagógicas ao longo do estágio, esta organização permitiu maior compreensão da dinâmica das ações do estágio. Desde a prática de observação participante ou observação ativa, segundo Gil (2007, p.113), “consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada”

Após inserção inicial no campo de estágio, realizou-se as observações, as mesmas ocorreram em quatro dias consecutivos. Segundo Pimenta e Lima (2012, p. 122), “observar é um exercício de análise crítica da realidade escolar, que permite ao estagiário compreender os elementos constitutivos da prática pedagógica e refletir sobre eles à luz dos referenciais teóricos estudados”. Esta ampliação foi necessária para dar profundidade às observações realizadas no campo de estágio, que por sua vez, exerce um papel imprescindível para a caracterização da turma.

A observação participante foi o método utilizado para a coleta de dados, pois sua natureza permite uma imersão no contexto natural em que os sujeitos estão postos. Conforme Triviños (1987, p. 146), “a observação participante é um método de pesquisa qualitativa que consiste na imersão do pesquisador no campo social, com o objetivo de compreender o comportamento, as interações e os significados que os sujeitos atribuem às suas ações no contexto natural em que estão inseridos.”

. O plano didático consistiu em contemplar a rotina dos educandos, foram estruturados com momentos de acolhida, socialização das atividades, desenvolvimento coletivo e troca de saberes. Foram organizados de modo que atendesse a demanda escolar, sobretudo a especificidade da turma reconhecendo a importância de um planejamento contextualizado e dialógico, compreendeu-se

neste sentido que, a extensão do trabalho pedagógico realizado em sala, deveria acompanhar efetivamente a construção do conhecimento, em consonância com a perspectiva de Molina (2017), ao afirmar que a educação do campo precisa ser organizada de modo a respeitar os sujeitos, seus tempos e territórios, favorecendo práticas pedagógicas que fortaleçam a autonomia e a emancipação dos educandos.

4 Resultados e Discussão

Nesta seção, apresenta-se a caracterização do perfil dos estudantes participantes da pesquisa, considerando aspectos relevantes para a compreensão do contexto investigado. Em seguida, descrevem-se e analisam-se as atividades desenvolvidas durante a regência do estágio, destacando as estratégias pedagógicas adotadas, as experiências vivenciadas e os desafios encontrados. Por fim, realiza-se uma reflexão docente crítica, articulando teoria e prática, com o intuito de discutir os resultados obtidos e as contribuições do estágio para a formação profissional. Para fins deste artigo, visando o rigor ético, as identidades dos estudantes foram preservadas por meio do uso de pseudônimos de plantas: Girassol e Cacto."

Caracterização da turma e a prática pedagógica

As práticas pedagógicas ocorreram em uma escola do campo, localizada em Bananeiras-PB, com uma turma de EJA Ciclo I composta por 23 estudantes, com idade variando entre 25 e 75 anos. Embora o ambiente seja respeitoso, notou-se uma resistência ao diálogo e ao trabalho coletivo, com preferência por atividades individuais e impressas.. A vista disso, foi proposto uma prática baseada na pedagogia de Freire (1996), que valoriza os saberes prévios e estimula gradualmente a autonomia e a aprendizagem dialógica, conectando o conteúdo à realidade dos educandos.

Para tanto, as práticas pedagógicas foram desenvolvidas para atender a demanda da turma. Destacando entre elas, 3 atividades. Assim, inicialmente foi desenvolvida uma atividade diagnóstica, atividade essa que permitiu conhecer os educandos, suas histórias de vida, seu cotidiano e o que para eles representa o ensino da EJA. Sendo assim, a primeira prática realizada no dia 07 de julho, foi a de objeto de memória. A atividade consistiu em reunir em sala objetos que representassem uma memória na vida de cada estudante. Em seguida, foi apresentado cada objeto, e com ele, a história de cada um. Diante dos relatos, a simplicidade e o modo de vida se destaca. lembranças da infância, dos dias de "lida" e como o trabalho foi formador de caráter prevalece.

Esse momento foi necessário para que fosse possível aproximar-se da realidade dos educandos, assim como, foi importante para que a turma se conhecesse e reconhecesse na história do outro.

Diante dos relatos uma das falas que mais chamou atenção foi a da Estudante Girassol, que compartilhou emocionada:

“Eu queria tanto ter terminado os estudos, minha filha, mas meu pai não deixava, porque eu tinha que sair daqui pra ir pra cidade. Aí eu fiz até a quarta série três vezes... Vi minhas amigas tudo se formando, virando professora. Mas naquele tempo, só estudava fora quem tinha condição, e meu pai não tinha e nem deixava.”

O relato da estudante Girassol é uma descrição histórica que moldou a educação no campo no Brasil. Não retrata apenas a interrupção, mas de um sistema de exclusão que afetou gerações de camponeses, especialmente as mulheres. E isso reforça a necessidade de uma educação "do" e não "no", que defende que o camponês tem o direito de estudar onde vive, levando em consideração suas especificidades, com educação de qualidade.

A segunda prática pedagógica, realizada nos dias 09 e 10 de julho de 2025, foi a exibição e reflexão acerca do filme “O auto da compadecida 2”. A exibição do filme, foi uma proposta pensada para instigar o diálogo a respeito de temas que estão presentes no dia dos educando. O filme proposto aborda temas como a falta d’água, corrupção, a seca, a fé popular e o impacto do analfabetismo no dia a dia. Durante a exibição, os discentes dialogam entre si, reconhecendo-se nas narrativas presentes na obra. Ao se colocarem nas situações retratadas no filme, perceberam que as problemáticas ainda se fazem presentes no dia a dia, soando como algo natural. Um dos estudantes, Cacto, ao observar a cena em que ocorre a compra do voto, comentou: “um dia desse aqui tava do mesmo jeito”. Seu relato gerou diferentes reações diante dos colegas, abrindo espaço para discussão acerca do tema, que os fez refletir sobre o papel que os mesmos desempenham socialmente, e o quanto suas escolhas podem refletir em ações futuras, quando, por exemplo, elegem um representante político que não defende os interesses da comunidade.

A terceira prática pedagógica em destaque, aconteceu em dois momentos, sendo eles nos dias 18 e 19, e teve o intuito de articular o lúdico e a alfabetização por meio de uma dinâmica de competição e leitura coletiva. No dia 18, realizamos a leitura das palavras presentes no quadro com a proposta do “responde ou passa”, onde os estudantes disputavam entre si quem iria sortear o número correspondente à palavra do quadro. Esse momento foi marcado pela busca de sortear a menor palavra, o que gerou muita risada e descontração. Enquanto uma dupla disputava a palavra lida, os demais iam tentando ler previamente, para se sentir seguros na vez que fossem ao quadro.

Essa abordagem lúdica permitiu diagnosticar os níveis de leitura de cada educando, de forma dinâmica. Ao observar o avanço dos mesmos na leitura de palavras simples, foi solicitado que cada educando escolhesse uma palavra presente no dinâmica e pensasse uma frase, no dia seguinte. Esse pedido resultou no segundo momento dessa prática. No dia 19, cada estudante trouxe a frase solicitada, “ anotada na cabeça”, segundo eles. Sendo assim, eu transcrevi a frase criada, e deposei novamente na caixa para sorteio. Possibilitando assim, que os estudantes pudessem escrever a frase do colega. Essa proposta resultou na identificação dos estudantes na frase escolhida, garantindo boas risadas, pois sempre achava grande demais. O impacto dessa metodologia refletiu-se na fala do estudante Cacto, que no fim da atividade comentou: “eu gostei das palavras assim, é bom que a gente já vai destravando, professora. Antes eu não conseguia ler uma palavra, e hoje eu consegui escrever uma frase”

O relato do estudante cacto, causa um impacto positivo, pois demonstra a eficácia das práticas desenvolvidas no período do estágio. Bem como, ressalta a importância de abordar metodologias que gere segurança, que torne o processo de ensino e aprendizagem significativo para os educandos. Diante disso, destaca-se a relevância de planejar com intencionalidade, respeitando os diferentes ritmos e adaptando as propostas sempre que necessário. Alinhando-se ao compromisso de pensar uma educação que valorize e coloque-os no centro da construção do conhecimento, considerando a bagagem cultural que individualmente cada um carrega. E traçando estratégias para romper barreiras historicamente constituídas ao longo da trajetória escolar fragmentada desses sujeitos. Nesse sentido, Arroyo (2006, p. 42) defende que "não há sujeito da EJA sem história, sem cultura, sem saberes acumulados". A partir de compreensão desse aspecto, todas as atividades planejadas buscaram fixar o aprendizado escolar na experiência de vida dos alunos, trazendo identidade, pertencimento e, acima de tudo, envolvimento autêntico com a dinâmica da aprendizagem

Discussão

A realização das práticas pedagógicas na turma da EJA foi, sem dúvida, uma experiência de natureza profundamente transformadora, tanto no terreno profissional quanto no pessoal. Sujeitando-me, de perto e pessoalmente, ao protagonismo crescente dos educandos perante as atividades ofertadas, pude perceber, na experiência concreta, a força de uma educação que parte do sujeito, de suas vivências, histórias, afetos e realidades.

O estágio supervisionado em educação do campo, em uma turma da EJA, foi desafiador, mas realizá-lo com excelência foi gratificante. É resultado de uma estratégia que pensa os educando para além dos muros da escola. Pensa-os como sujeitos de direitos que são. E a educação é uma ferramenta de reparação, para tanto, ela deve cumprir seu papel social na formação desses sujeitos



Diante disso, enfatizo que cada proposta pedagógica foi uma tentativa de construir vínculos, fortalecer a confiança e criar aprendizagens significativas. A experiência reafirmou em mim o compromisso de uma prática pedagógica engajada com a escuta e os diferentes ritmos. Buscando engajar a turma com propostas que estimulem a participação ativa, acreditando no potencial de cada estudante, comemorando as pequenas conquistas.

O diário de bordo, utilizado como instrumento metodológico, foi imprescindível para registro das falas, perguntas e desejos dos educandos. A partir dele, passou a ser possível planejar as atividades de cada vez mais alinhadas às necessidades e interesses reais da turma, proporcionando maior protagonismo e participação ativa. O diário tornou também possível uma análise constante do processo, facilitando ajustes, bem como favoreceu minha reflexão docente durante o período de Estágio, que por sua vez, me permitiu perceber onde a teoria e a prática se encontrava, e como influência a construção da minha identidade docente.

Deste modo, considero que a finalização do estágio me oportunizou não apenas a sensação de dever cumprido, mas com a convicção de que educar é um ato político, ético e amoroso. A EJA me ensinou que ensinar é, antes de tudo, aprender com o outro. Aprender a ver, a ouvir, a acolher e a abrir trilhas para que todos os educandos nas experiências educativas se referem a uma real oportunidade de se e do mundo ao redor se transmutam. Como tão bem nos lembra Freire (1996, p. 43), "a educação verdadeira é aquela que nos faz pensar, que nos coloca em movimento, que nos faz duvidar, perguntar e criar"

Conclusão

O presente trabalho buscou refletir sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas em uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA), e como a mesma contribui para construção da identidade docente. Assim, como consolidamos a compreensão de que o educar vai além da transposição de conteúdos. E que, estando diante da realidade da EJA, em uma escola do campo, percebeu-se que a prática pedagógica só se torna verdadeiramente emancipadora quando reconhece e valoriza os saberes prévios dos educandos, integrando a cultura camponesa ao currículo escolar. As práticas pedagógicas realizadas demonstraram que é possível, e necessário, romper com a reprodução de modelos urbanocêntricos de ensino, por meio da elaboração de planos de aula contextualizados, que por sua vez, proporcionam o fortalecimento da Educação do Campo e da identidade campesina.



Dessa forma, o estágio supervisionado transcende a visão de um mero requisito burocrático, consolidando-se como uma etapa imprescindível da formação profissional. A vivência na EJA demonstrou que o exercício da docência vai além da transmissão de conteúdos, exigindo a construção de laços baseados no respeito, na solidariedade e na escuta ativa. Atuar nesse contexto revelou um espaço rico de saberes e experiências, marcado, acima de tudo, pela resistência e pelo desejo contínuo de aprender.

O estágio enquanto espaço de formação docente, proporcionou compreender a EJA para além dos muros da escola, tornou possível estreitar laços entre o acadêmico e o cotidiano escolar. Permitindo refletir sobre o compromisso ético, político e pedagógico que ultrapassa a simples escolarização, ocorrendo quando se promove práticas que favoreçam o desenvolvimento integral dos sujeitos, respeitando sua identidade, sua cultura e trajetória de vida e seus diferentes ritmos. Nesse sentido, a Educação de Jovens e Adultos na perspectiva da educação do campo deve ser vista como um instrumento de emancipação. Esse processo ganha força quando o ensino é conectado à realidade prática dos educandos, transformando o conteúdo em ferramenta de afirmação de seus direitos. Assim, a educação poderá, de fato, cumprir seu papel transformador, uma vez que, ainda encontra-se entresnas, exigindo políticas públicas efetivas. De modo que garanta o cumprimento dos princípios de igualdade de acesso e permanência para esse público.

Referência

ARROYO, Miguel Gonzalez. *Educação e sociedade: políticas, práticas e formação de educadores*. São Paulo: Cortez, 2005.

ARROYO, Miguel G. *Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública*. In: SOARES, Leôncio (Org.). *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

BRASIL. *Constituição Federal*. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 16 de fevereiro de 2026

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

CALDART, Roseli Salete. *Educação do Campo: notas para uma análise de percurso*. In: MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sônia Meire Santos Araujo de (Orgs.). *Contribuições para a construção de um projeto de educação do campo*. Brasília: Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 2004

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 38. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e Docência*. São Paulo: Cortez, 2004.

SILVA, Maria do Socorro. *Educação do campo e políticas educacionais: avanços, contradições e retrocessos*. Revista Educação e Políticas em Debate, Uberlândia, v. 7, n. 1, p. 23-41, jan./abr. 2018.

